

Na Rotina do
MEDO

Gisele Hulek

Editor

Thiago Regina

Projeto Gráfico e Editorial

Rodrigo Rodrigues

Revisão

Marcos Cortinovis Carvalho

Copidesque

Jade Coelho

Capa

Tiago Shima

Copyright © Viseu

Todos os direitos desta edição são reservados à Editora Viseu

Avenida Duque de Caxias, 882 - Cj 1007

Telefone: 44 - 3305-9010

e-mail: contato@editoraviseu.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hulek, Gisele

Na rotina do medo / Gisele Hulek – Maringá : Viseu, 2018.

ISBN 978-85-5454-556-7

1. Suspense 2. Literatura brasileira

I. Hulek, Gisele II. Título.

82-3

CDD-869.1

Índice para catálogos sistemáticos:

1. Suspense: Ficção brasileira B869

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem a permissão expressa da Editora Viseu, na pessoa de seu editor (Lei nº 9.610, de 19.2.98).

Carol

20 DE MAIO DE 2017

Hoje é mais um daqueles monótonos dias, em que sinto como se estivesse pouco a pouco vivendo roboticamente, todos os dias a mesma rotina. E, depois de preparar e tomar o rotineiro café com leite, dou aquela checada básica nas redes sociais, e, recentemente, em alguns sites de namoro, que de tanto Alícia insistir me cadastrei. Acho que ela acha que preciso de um homem. Um banho rápido, uma calça social preta. Camisa preta, o cabelo preso a um rabo de cavalo, e o rosto com tanta maquiagem que seria difícil me reconhecer se me vissem de cara limpa. Estou pronta para mais um dia de trabalho.

Trabalho há 5 anos como gerente de um restaurante, não odeio o que faço, pelo contrário, adoro. É lá que minha vida sai um pouco dos eixos, é lá que minha rotina muda, todos os dias uma coisa nova, clientes novos, experiências novas, mas, mesmo assim, estou extremamente cansada, não diria fisicamente cansada, mas mentalmente, espiritualmente, se é que existe esse tipo de cansaço. Não quero mais isso, quero que a vida mude. E que ironia, exatamente, neste dia, ela começou a mudar, mas não da forma como eu desejava, e sim para pior. Para muito pior.

“Carol, o restaurante não está indo bem, precisamos fazer corte de custos, e, por isso, decidimos te dispensar”. Foram essas as palavras usadas, mas no rosto do meu chefe eu li: *Não preci-*

samos mais de você sua imprestável, caia o fora daqui.

Se há uma coisa que tento controlar desde a minha infância é esta mania ridícula de chorar por tudo, aliás, por quase tudo, dificilmente choro por tristeza, saudade, mas sempre, sempre mesmo, por raiva, estresse, e muito mais quando me sinto uma imprestável. Não sei explicar, já tentei mudar isso, talvez seja um trauma da adolescência, ouvindo de minha mãe que eu nunca seria ninguém na vida, mas quem liga, não quero ser alguém na vida, quero apenas um bom emprego e viver em paz, mas paz é uma coisa que eu não teria nos próximos dias da minha vida. Se eu soubesse de parte de tudo que estava por vir, curtiria meus momentos de sossego, iria para casa, tomaria um bom vinho, um banho relaxante, e me deitaria na minha deliciosa cama quentinha.

Mas não foi bem isso que fiz, saí do restaurante chorando histericamente, corri para o banheiro, tranquei a porta, sentei no vaso, peguei meu celular e liguei para Alícia, minha eterna amigona, sempre junta, metida em minhas confusões.

- Alícia, fui demitida.

- Como assim? Sério isso, amiga?

Era sério, e esse tom surpreso dela se repetiria com a maioria que ficasse sabendo, afinal era vista por todos como uma menina responsável e profissional. Mesmo assim eu ainda era vista como uma menina, talvez pela estatura, baixinha, magrinha e de rosto redondo. Mas Alícia não poderia ouvir minhas lamentações, estava no trabalho. Precisava desligar o telefone.

Mas que droga! Odeio quando a vida sai dos eixos, quando as coisas acontecem sem eu planejar, quando tenho que mudar os planos rapidamente; gosto da rotina, gosto de todos os dias fazer a mesma coisa, acordar, tomar meu café, ir até a academia,

voltar, fazer almoço, almoçar e ir trabalhar, e o melhor de tudo, saber que, no final do mês, teria meu salário para pagar o aluguel e parte guardar para o tão sonhado apartamento.

Eu sabia que meu desempenho no trabalho havia caído bastante, talvez por causa da monotonia. Por vezes, sentia-me uma inútil, e, no fundo, sabia que esse era o motivo para a minha demissão. Mas eu odeio perder, ficaria tranquila se eu tivesse tomado a decisão de sair e isso partisse da minha boca, e não da boca de meu chefe.

Sentada no banco da praça, novamente pego meu velho celular, olho por instantes para a proteção de tela, uma imagem de São Miguel Arcanjo, meu anjo protetor, seu semblante forte me inspira e me encoraja. Envio uma mensagem para o grupo da família, já sabendo que viria muitas respostas, afinal, quando se trata de família, nenhuma opinião bate, um discorda do outro, e uma formiguinha acaba virando um elefante. Agora eu só precisava me acalmar, estar em paz comigo mesma. Mas que ironia, paz é uma coisa que eu não teria nos próximos dias da minha vida.

Viriam dias difíceis pela frente. Ter que trabalhar por mais 23 dias em um lugar onde minha presença não era importante, até que chegasse o dia da minha saída. Lá eu não era mais bem vinda, nem bem vista.

Era sábado, dia do aniversário de uma das amigas do nosso grupo, ela resolveu comemorar justo no lugar que eu mais odiava, e, até aquele dia, estava decidida não ir, pois, da última vez que fui para aquela casa de shows, só me lembro de estar tomando um copo de vodca com energético, e depois vagas lembranças do estômago ruim, da cabeça pesada, de eu tentando vomitar e minha irmã segurando o cabelo, e da vergonha de ter abandonado a festa no meio, apesar de, até hoje, eu não entender

como passei mal com dois copos de bebidas, e desconfiar de que alguma droga foi colocada em minha bebida.

Mas, como diz o ditado, não importa o lugar e sim as companhias, decidi ir à festa. Alícia não iria, dizia estar cansada demais, sei que talvez não fosse esse o motivo, e sim sua nova paixão.

Parece que eu estava mesmo enganada, a festa estava boa demais, fui até o bar e peguei uma garrafa de Skol Beats, uma cerveja mais adocicada, porém com teor alcoólico mais elevado, a ideia era tomar somente uma ou duas naquela noite, mas não é assim que acontece em todas as vezes que saio. Quando me dou conta, a cabeça já está girando, já devia ter tomado umas 4, Angel, minha amiga, logo me trouxe uma água, sentei em nosso camarote e a tomei na esperança de melhorar um pouco.

Will

20 DE MAIO

Faz uma semana que meu namoro acabou, estou aliviado, ela era fútil demais, era linda e gostosa, e talvez essas fossem suas únicas qualidades. Trabalhava como *hostess*, fazia faculdade, mas não dava muita importância para a formação acadêmica, sabia que se casando comigo teria uma vida de rainha, pois minha vida financeira sempre foi boa, consigo dar do bom e do melhor para ela. No seu último aniversário, dei-lhe um iphone 6 e um lindo colar de pérolas, e não me lembro ao certo de quantos presentes menores, bolsas Gucci, roupas Prada, Chanel, todos escolhidos com carinho, gostava de agradá-la.

É sábado, estou doido para sair, curtir a vida, pegar um camarote, beber, dançar, curtir a vida, ver as mulheres me desejando. Alguns me chamam de convencido, mas sei que atraio olhares, sou bonito, moreno, alto, a barba sempre bem cuidada, gosto de me arrumar bem, e o dinheiro me ajuda, uma camisa Lacoste, Rolex no pulso e minha Ferrari vermelha, não há quem não vire a cabeça para olhar, posso ter a mulher que desejar. Claro, tudo isso está indo por água abaixo, minha situação financeira está ficando crítica, mas ninguém precisa saber disso, sou um homem público, preciso sustentar meu padrão de vida, até porque, no momento que as pessoas souberem que estou em dificuldades, elas se afastarão, como fez minha namorada... Ops!

minha agora ex-namorada.

Que importam os problemas, hoje é dia de curtir, cheguei à casa de shows, não era uma das melhores da cidade, mas, nos tempos de sócio de uma produtora, trazia para esta casa renomados artistas, e, com isso, ganhei prestígio. Eles me ofereceram de graça o melhor camarote, e poderia passar a noite com a cortesias que certamente me oferecerão. Estava cansado, cheguei ao camarote e me sentei no sofá, esperando até que o garçom me trouxesse uma bebida.

No palco, uma banda local; na pista, mulheres, na maioria, vestidas de roupas curtas. Este não é um lugar de mulheres elegantes, mas sim vulgares, na maioria das vezes, com vestidos extremamente curtos, ou bermudas jeans, mostrando parte da bunda. Chegou meu whisky, um Red Label, gentilmente oferecido pela casa, veio-me a vaga lembrança de uma de minhas viagens ao exterior em que tive o prazer de tomar um legítimo Macallan, whisky escocês, cuja garrafa chega a custar 15 mil reais.

A intenção não era beber muito, mas a bebida era forte, ou eu que estava fraco, logo vi que não estava muito bem, pedi licença e fui até o banheiro jogar uma água no rosto. O reflexo no espelho me assustava, via meu rosto transformado. Há preocupação em meus olhos, há medo na minha expressão. Com toda certeza, já não sou mais o mesmo Will.